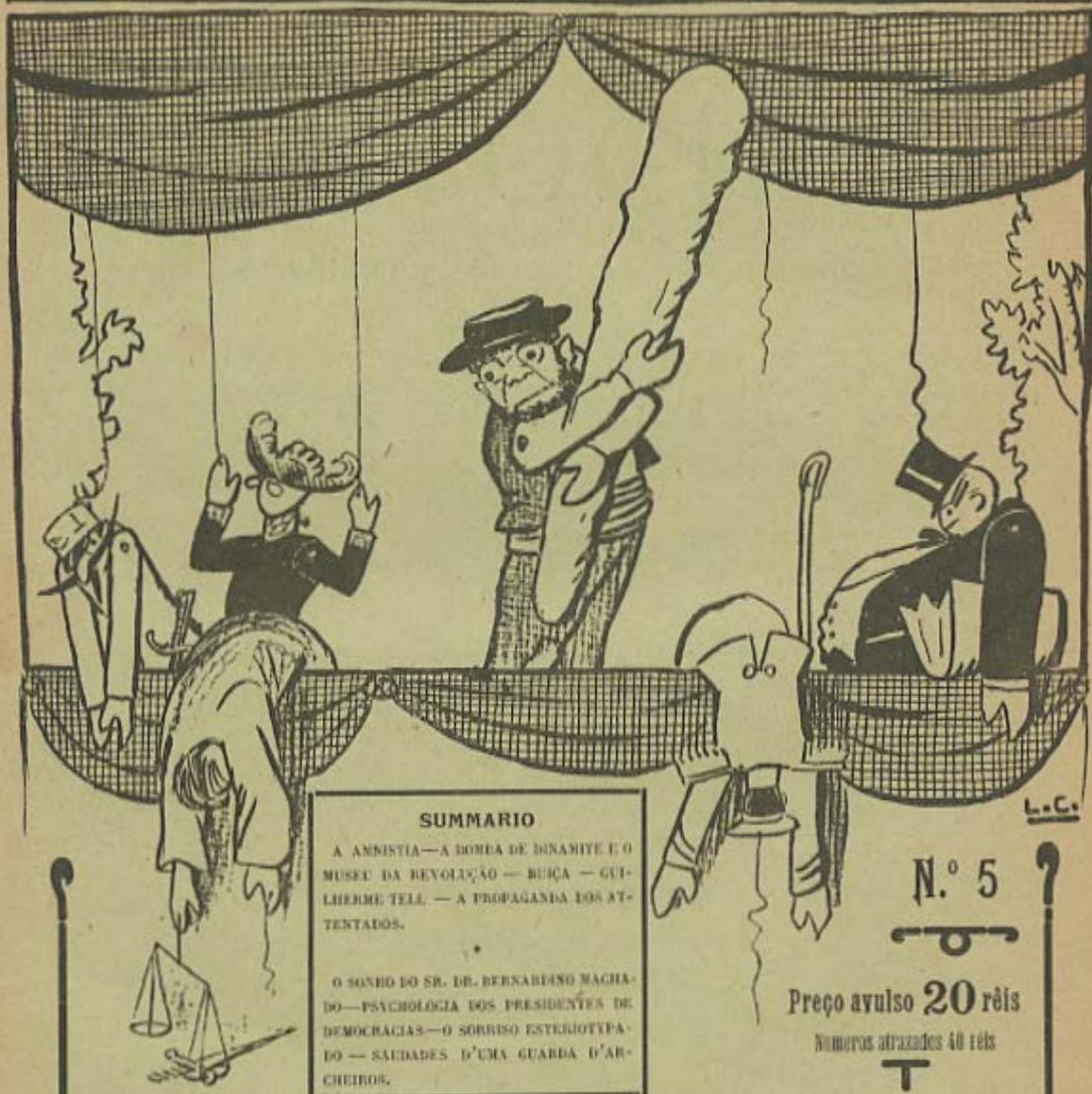


FANTOCHES



SUMMARIO

A AMNISTIA—A BOMBA DE DINAMITE E O MUSEU DA REVOLUÇÃO — BUSCA — GUILHERME TELL. — A PROPAGANDA DOS ATENTADOS.

O SONHO DO SR. DR. BERNARDINO MACHADO—PSYCHOLOGIA DOS PRESIDENTES DE DEMOCRACIAS—O SORRISO ESTEREOTIPADO — SAUDADES D'UMA GUARDA D'ARCHEIROS.

N.º 5

Preço avulso 20 réis

Numero atrasados 40 réis

Lisboa 28 de fevereiro de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao DIRECTOR e EDITOR **Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO
LIVRARIA VENTURA ABRANTES
80, Rua do Alecrim, 82 — LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e Impresso na **IMPRENSA PROGRESSO**
Calleada S. Francisco, 23 — Lisboa

Rocha Martins

N.º 5

FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos
politicos

28 de Fevereiro de 1914

SUMMARIO

A AMNISTIA—A BOMBA DE DYNAMITE E O MUSEU DA REVOLUÇÃO — BUIÇA — GUILHERME TELL — A PROPAGANDA DOS ATTENTADOS.

*

O SONHO DO SR. DR. BERNARDINO MACHADO — PSYCHOLOGIA DOS PRESIDENTES DE DEMOCRACIAS — O SORRISO ESTE REOTYPADO—SAUDADES D'UMA GUARDA D'ARCHEIROS.

Director e Editor — ROCHA MARTINS

Propriedade da empresa dos Fantoques

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES
Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Depois d'algumas controversias chegou a amnistia. Não foi ampla como queria Machado Santos e os seus companheiros da jornada de Belem, toleravel como a desejavam os evolucionistas e alguns unionistas. Sahiu antes como, ao fim de muita teima, se resolveram a apoial-a os democraticos.

Foi, pois, uma amnistia a que faltou o principio mais são d'estes actos: a larga generosidade. Discutiu-se, pesou-se, ratinou-se, passou-se por um crivo, joeirou-se e chegou-se a cumulos: excluiram-se os accusados d'attentados pessoaes e os que fizeram uso de dynamite; amnistiaram-se ao mesmo tempo as auctoridades prevaricadoras.

Imaginar-se-ha diante d'este reparo que somos pelos explosivos, esses elementos de correcção das desigualdades, como lhes chamou Malatesta ou pela morte violenta dos tyranetes nas praças publicas esse exemplo de correcção do destino. Detestamos uns e outros processos. Na questão dos explosivos nem toda a gente tem a nossa opinião; na parte dos attentados succede o mesmo. D'ahi o extranharmos as palavras do governo em relação a uns e a outros criminosos.

Houve attentados pelo dynamite?! Houve attentados pesaes?! Estão presos com verdadeira culpa alguns dynamitistas?

Guardam-se nas cadeias authenticos auctores d'attentados pessoaes?!

Eis o que serenamente nos compete analysar.

Dynamitistas não ha um só apanhado a atirar o seu projectil. Apenas ha indicações vagas, auctores d'attentados apenas os da Praia das Maças accusados por uma policia reservada a quem elles devolvem uma parte da sua propria responsabilidade. Esses homens, porem, ficam na cadeia enquanto a auctoridade improvisada que incitou, a *formiga branca* que os espancou ouve as palavras de perdão concedidas gracilmente pelo governo.

Mas ainda que houvesse positivamente esse dynamitista, mas ainda que houvesse, em vez d'uns pobres diabos cahidos n'um logro, verdadeiros auctores d'attentados pessoasas não seria melhor passar sobre isso um traço antes que alguém se puzesse a inquirir das causas d'esse emprego d'explosivos e d'essa mania d'assassinar?!

Quando nas horas indecisas da lucta pela republica se empregou dynamite tornou-se essa formula tão querida que quasi se publicaram manuaes explicativos da forma de confeccionar as bombas que tanto amedrontaram a cavallaria e tambem muitos dos que deviam empregal-as.

Por acaso — o acaso que tanto em contacto nos pôz com a revolta da rua e seus dirigentes — assistimos a scenas em que o dynamite teve um papel e em todas a nossa razão se alarmou.

Primeiro eram os homens pegando nas bombas pallidos de pavor e indo enterral-as bem fundo no areal da Junqueira enquanto a cavallaria que elles deviam deter passava no seu passo de carga; depois era, n'um carro da Cruz Vermelha, rua da Palma acima um desgraçado com as mãos mutiladas por uma bomba que rebentara quando a ia a atirar. Sentados nos portaes, roendo a sua codea n'esse cahir da tarde tristonho os guardas fiscaes velhos trazidos a marche-marche das barreiras desviavam pavidos os olhos do sangue que manchava o algodão em

em rama onde as mãos do mutilado se envolviam. D'ahi a pouco uma bomba carregada de metralha devia crivar as pernas d'um official levado d'ali em estado grave.

Entre os soldados das duas causas a ideia da bomba causava fremitos. Foi o terror do dynamite que deu em grande parte a victoria. Em Lisboa havia milhares de bombas promptas e não explodiu nem uma centena e digamol-o em boa consciencia, a culpa não foi apenas de quem não appareceu a combater mas tambem dos que receberam manejal-as.

Terminada a lucta, cheios ainda da visão medrosa d'uns e do sangue do outro, imaginamos que um silencio grave se ia fazer sobre essas armas terriveis e cobardes.

A bomba servira mas como certos cumplices indignos devia affastar--se, esconder-se, calar-se.

Fantoches, nº 5,
28-II-1910

Muzeu de Revoluçõs
11-5-10

Em 29 de Dezembro de 1910 inaugurou-se em Lisboa, n'uma vasta sala do Quelhas, o museu da revolução. Duzentas creancinhas do Vintem Preventivo almoçaram n'uma sala proxima das installações, os membros do governo provisório, o governador civil de Lisboa alguns dos homens eminentes do regimen que nascera poucos mezes antes assistiram a esse banquete.

Lá dentro em vitrines largas havia bombas de todas as dimensões, com os seus disticos, com as suas designações muito bem installadas, guardadas como objectos preciosos.

Na real armeria de Madrid como no Muzeu real d'Inglaterra, como no Muzeu d'Artilharia de Lisboa e tambem em Vienna e em Roma, em Paris e em Constantinopla mostram-se a armadura de Carlos V, a espada de Cromwell, o elmo de D. João II, as bandeiras tomadas em Trieste, a pistõla de Garibaldi, o morrião de Francisco I ou o yatagan de Mahomed II e ao lado d'essas armas com que generaes, reis, principes se bateram ha as simples espingardas, sabres, restos de balas, pedaços de uniformes, baquetas de tambores de soldados humildes. Quando se passa

diante d'esses armarios um fremito nos percorre o corpo. São tudo recordações sagradas dos exercitos, dos heroes, dos guerreiros. A's almas que repellem a guerra e detestam os conquistadores isso tudo parece instrumentos de crimes; para as que em qualquer bandeira rota veem a bravura de legiões aquillo fortalece e dá animo.

Os muzeus d'essas preciosas armas são relicarios da historia onde se vae vêr com que ferros se vencia e são os grandes campos de batalha com os corceis correndo, os estandartes voejando, os clarins soando com os ribombos do canhão que se evocam com as paginas heroicas das chronicas da nossa terra. São para isso os museus. Diante d'uma espada nua ali conservada pensasse como foi gloriosa a mão que a empunhou e como mereceu tanto da patria que se guardou essa arma como uma preciosidade.

Desfilam diante d'ellas os pequenos das escolas e sahem de lá sonhando bravuras.

Pois á bomba de dynamite fez o governo provisorio o mesmo, consagrou-a, deu-lhe honras de muzeu, fez desfilar diante d'ella os pequenitos, inaugurou com estrondo os seus mostruarios e meia Lisboa passou perante d'aquelles pedaços de ferro com respeito achando-os tão nobres como as espingardas, as peças ou bandeiras dos arsenaes de guerra.

Homens como os srs. drs. Affonso Costa e Bernardino Machado, como os srs. Anselmo Braamcamp e Eusebio Leão assistiram á abertura d'esse muzeu onde a bomba se consagrou.

E' verdade que ella n'esse tempo era cantada em todos os jornaes sob o titulo de *artilharia civil*, os homens que as tinham empregado eram tratados como benemeritos e deante de duzentas creanças o actual chefe do governo inaugurava o expositorio d'esses instrumentos de morte.

E ellas passaram a ser tão nobres como a espada flamejante d'um grande general.

D'ahi por diante a todo o cidadão pareceu legitimo fabricar a sua bomba. Era uma arma mais consagrada que os proprios canhões que tinham troado na Rotunda.

Foi pois o governo provisorio que fez o incitamento solemni-sando com os seus ministros, com os seus militares, com os seus dirigentes a bomba de dynamite installada n'uma sala contigua áquella onde vozes altisonantes, tímbradas d'um orgulho nascido ha pouco, faziam a sua apologia.

Conta-se mesmo que o sr. dr. Affonso Costa, batendo no hombro de certo fabricante da especialidade, dissera :

— Agora já não é necessario fazer mais !

O outro encarara-o e com um sorriso respondera :

Conforme os senhores se portarem !

Parece que não se portaram bem e d'ahi ser necessario fazer esta restrição na amnistia para os que empregaram dynamite, para os chamados hontem, com tanto entusiasmo, artilheiros civis.

Os ministros da revolução inauguradores do muzeu renegam as armas que os levou ao poder.

E' sempre assim. Em baixo é a liberdadê ampla de fazer tudo desde artigos infames a bombas de dynamite no poder é o cerceamento d'aquillo que usaram.

Ou a bombá pesar-lhes-ha como um remorso?!

N'outra sala do mesmo museu estava consagrado o attentado pessoal, agora tambem excluido da amnistia, com o amplo varino que envolvera Manuel Buiça na tarde tragica do assassinio de D. Carlos, a sua certa carabina, a pistola de Alfredo Costa indigna de figurar ali porque é uma arma innocente. A que perpetrôu o crime está em outras mãos.

Diante d'esses objectos tambem desfilou meia cidade e a consagração do regicidio fez-se n'esse logar mas, peor ainda, já se praticara n'uma propaganda de dois annos.

O partido republicano repudiara toda a solidariedade com os regicidas no entanto um dos seus jornaes applaudia o facto. Abriam-se subscrições largas, personagens de nomeada contribuiam, expunham-se na data do attentado os retratos dos regi-

cidas nas primeiras paginas d'essas gazetas. Tocava-se a unir nas fileiras jacobinas e ondas de povo iam diante dos covaes de Buiça e Costa prestar a sua homenagem aos mortos sem os quaes a republica não seria sequer uma esperança.

Mas fizera-se mais. O sr. dr. Affonso Costa gabava o espirito de sacrificio d'esses homens um dos quaes comparou a Guilherme Tell. Mas houve mais ainda. N'uma manifestação colossal, a pretexto de se prestarem homenagens a Candido dos Reis e Miguel Bombarda diante das sepulturas de Buiça e Costa não deixaram de passar, depois de proclamada a republica, marinhheiros e soldados e mesmo — vergonha das vergonhas, miseria das miserias — alguns officiaes, talvez os que em mais altos berros tinham condemnado esses tiros que executaram dois reis e puzeram o ponto final n'uma dynastia.

Sob a terra do cemiterio e sob os montões de flores que cobriam os mortos, se acaso alem tumulo, ha ainda alguma cousa alem da carne a apodrecer, elles deviam sentir bem a baixeza d'esses agaloados incapazes de se terem batido para evitarem a sua acção d'emboçada.

Todo o luto d'uma familia se evoca diante d'estas manifestações ruidosas d'applauso ao attentado pessoal. Eram duas rainhas de nojo chorando no fundo das suas alcovas, uma d'ellas meio louca regando as flores dos seus tapetes, embalando nos braços que tinham sido lindos uma trouxa como se fosse o corpinho amado d'uma creança real, o filho morto na praça publica. Eram tambem outras mulheres de luto — as da familia dos autores do attentado — banhadas em pranto. Era ainda todo o horror sinistro d'uma espera como a lobos n'uma serra feita n'uma praça para assassinar.

E isso consagrou-se. Das folhas jacobinas passou para o fado das hortas, do povo que ia levar rosas aos mortos passou o culto para os revolucionarios que as iam arrancar ao jardim das Necessidades para as collocarem sobre a terra do cemiterio; da multidão passou o culto para os dirigentes, dos chefes republicanos para o estado republicano.

Inaugurou-se o museu da revolução com a consagração do dynamite e do regicidio. O estado entrou n'isso para alguma cousa. Os ministros foram ali prestar o seu culto assim como desfilaram alguns no cemiterio, como o sr. Affonso Costa alcu-nhou Buiça de Guilherme Tell. Chama-se a isto positivamente acolher com sympathia o attentado pessoal.

Os homens que foram ao Terreiro do Paço fazer a espera receberam a consagração.

Um dia começou-se a fallar muito em attentados. Eram todos contra o sr. dr. Affonso Costa. Como o ministro de D. José, cuja alma diz possuir, teve uma escolta. Aos assassinos, porém, não se encontrava mais do que limpa-unhas. Aquillo não tinha grandeza. Um pequeno canivete serrilhado não é bem um objecto de museu. Depois appareceu outro accusado. Julgamos que esse apenas trazia consigo uma caixa de pós Keating. Tam-bem não servia. Finalmente surgiram alguns armados da bomba terrivel que fôra tão enaltecida e decididos a serem, como o chefe democratico chamara aos outros, uma especie de Gui-lhermes Tell.

A'parte o que ha de mysterioso por emquanto n'este caso do qual um dia diremos alguma cousa de claro, estes homens armados das suas bombas, promptos ao seu *attentado*, por quem tinham sido impellidos?! Naturalmente, na escolha da arma, pelo enaltecimento, feito pelo provisorio, da bomba collocada no museu, naturalmente na escolha da victima p'la consagração prestada aos assassinos de D. Carlos e de D. Luiz Filippe.

Sem esses altos elogios, sem as honras concedidas a taes ar-mas e sem a propaganda feita em torno do attentado não se che-garia nunca a taes extremos n'esta boa terra portugueza, não se teria de incluir outra excepção no decreto de amnistia nem a praia das Maçãs teria guardado na sua areia d'ouro o recheio duma mala sinistra em que a *formiga branca* mexeu n uma noite

mysteriosa á beira do mar immenso. Sem isso nem se teria ouvido mais o ruído terrível dos explosivos fazendo victimas.

O chefe do governo — homem de paz — até mesmo elle, esteve n esse museu onde a bomba foi consagrada e o attentado pessoal glorificado.

E em volta — lembre-se o sr. dr. Bernardino Machado — duzentas creancinhas abriam os seus olhos innocentes para os instrumentos guardados ali como n'um relicario.

Não se vê, pois, porque na amnistia se exceptuam homens com intenções eguaes, se as tiveram, de crimes praticados por outros e então accites pelo estado.

Eis ainda mais uma extranha tarefa a do governo provisorio: a propaganda da adoração do dynamite e do gabão do Buiça.

A que vem pois esse paragrapho da lei da amnistia desfavoravel ao que hontem era querido?!

E' como se tivessem consagrado a navalha e depois desdenhosamente lhe dessem o seu verdadeiro nome d arma vil!

Accitando a presidencia do ministerio semi-affonsista o sr. dr. Bernardino Machado vae perder um grande sonho.

Em roda da sua cadeira ministerial começam a erriçar.se os espinhos que o hão de fazer gottejar sangue, vasar-lhe as veias, tornal-o tão fraco, tão fraco que nem força terá para levar a mão ao seu chapéu! E a amnistia falhada; é a gréve dos ferroviarios, são classes preponderantes da sociedade portugueza que não o pouparão — a dos monarchicos que sabe como a amnistia lhe foi dada; a do povo republicano que vê como nada se fez para solucionar esse conflicto entre o capital e o trabalho. Depois haverá talvez a necessidade do emprego da força publica que decentemente um governo não pode recusar ao ser sollicitada mas o qual tem o condão de aniquilar para sempre quem o envia contra a multidão.

O sr. dr. Duarte Leite falhou para a missão alta da presidencia da republica porque poz soldados na rua contra o povo. E' bem amarga a missão d'um chefe de governo n'este momento em Portugal, é certo mas ninguem obrigou o sr. dr. Bernardino Machado a ser o *chaperon* do sr. dr. Affonso Costa n'esta scena dos seus amores com o poder. Por isso lhe vaticinamos que já-mais receberá em Belem os embaixadores das nações.

E é lamentavel. Passamos a dizer porquê.

O nosso ministro no Rio de Janeiro tem a linha classica dos chefes politicos das democracias europeas, de que são typos communs Fallières e Loubet. São inconfundiveis. As suas barbas brancas, as suas sobre-casacas negras, os seus chapéus altos, são, antes da eleição, como uniformes, para não dizer confissões ambiciosas.

Mal se concebe Fallières de jaquetão claro como o kaiser á paisana. O papa tem a sua veste branca com que entrará na eternidade e pousa para as Revistas diante dos photographos celebres; os homens das democracias, os que esperam a suprema magistratura, habituamo-nos a vê-los todos pelo mesmo typo. Eu bem sei que Vanutelli ou mesmo o cardeal Gibbons não fariam muita differença de Pio X nos clichés depois de chefes da democracia cristã. O mesmo tem succedido aos presidentes da Republica em França. O sr. dr. Bernardino Machado é pela exterioridade, e diga-se a verdade, por tudo, da especie.

Toda a gènte o sabe — e quando o digo não tenho a intenção de dar uma novidade nem a de ser menos respeitoso para com os presidentes das republicas europeas — que o eleito chefe de uma democracia não é o cidadão mais intelligente, mais em vista, o maior de todos os seus compatriotas. Não é nunca nem o mais habil politico, nem o mais atilado diplomata, não é o mais eloquente tribuno, nem o mais scintillante escriptor, tampouco é o grande sociologo, financeiro, jornalista ou homem de sciencia, mas, apenas o que possa contrabalançar a influencia dos politicos dominantes, dos que são realmente grandes.

Claro que se exceptua, como um grande exemplo, o douto

sr. Poincaré como succede com Thiers. Mas é pouco para os nove presidentes que tem havido em França. A Suíssa então é a cabal prova do que fica affirmado, como acontece com o Brazil onde a mentalidade superior de Ruy Barboza se tem debatido diante de mediocres figuras. Na mesma America do Norte só de ha uns annos para cá se impõe alguns homens de reputação universal; os outros conseguem-na depois de terem entrado na Casa Branca e do *New York Herald* os atirar intima, particular e publicamente ao pasto da bisbilhotice mundial.

Um chefe d'estado n'uma democracia o classico, o typico, o que Flers e Caillevet exaggeraram, guardando-lhe todavia a linha inicial, a linha mãe no seu *Habits Verts*, é um ser áparte, de qualidades por assim dizer trazidas senão do berço ao menos do seio da ama.

O proverbio diz que poetas nascem e os oradores se fazem. Pois a chefia d'uma democracia em circumstancias normaes é claro, carece tambem d'alguem que embora não tenha, como succede aos odiados reis, nascido para isso ao menos quasi tenha ao collo da parteira recebido essa inspiração entre o lico-podio e as faixas cheirosas a alfazema.

E' que se carece para isso qualidades bem especiaes.

Desde que é eleito, o cidadão usa a linguagem do protocollo, o que deve ser irritante para um homem de idéas. O papel de um presidente da republica é o de ser amavel, é o de sorrir na rua, é o de achar tudo excellente e de assignar tanto uma suspensão de garantias como a nomeação d'um pharoleiro. Diante d'um quadro pessimo, de tons errados, o chefe do estado deve achal-o bello; dizer-se deliciado com a mais desharmonica musica, saudar o seu peor inimigo, cumprimental-o mesmo quando lhe dôa o braço, digerir os jantares officiaes, pavorosos de comprimento, e remoer os discursos que os seus ministros lhe entregam. Se o ministro da Inglaterra lhe gabar — supponha-se que se trata de Portugal — Camões e os pecegos é necessario exaltar logo Shakespeare e o carvão; se o plenipotenciario francez fallar de João de Deus ou do vinho do Porto deve

evocar immediatamente um poeta da França que seja academico e achar um mimo o Bordéus. Assim, em tudo. Um jornalista belisca-lhe levemente a vaidade, pois é preciso fallar-lhe do seu ultimo artigo; um musico atterrou-o com uma composição, tem que a dizer suave e magnifica e o mesmo aos pintores, aos medicos, aos carcereiros, aos pobres da rua, a toda a gente, mettido n'uma sobrecasaca negra e com um sorriso official.

Um verdadeiro grande homem não atura esta situação de não ter opiniões suas, de não dizer o que sente, de saudar os que o atacam, tudo porque em quatro annos de vida está no palacio da presidencia, nos dias de festa tem a tropear um esquadrao atrás do seu carro, e porque, depois de morto, entra na Historia e tem salvas no enterro.

Esta missão de chefe de Estado e, sobretudo, o seu tirocinio aturado, é a abdicção do «eu», é a curvatura ao «toda a gente». E, no fim, os pobres homens sorrindo, saudando, passando nas ruas, parecem empertigados e soberanos, quando apenas deixaram dê ser advogados, medicos, professores, para se tornarem no Symbolo. E' um horror. Ser um symbolo e ter que ser amavel, andar vestido de preto, sem uma condecoração, sem uma fulgida joia. Os reis alguns tão vãos como elles — já se vê que não se pôde metter n'essa cathegoria o Kaiser — são symbolos e brilham. Esses aprendem de pequeninos a ser ôcos e a terem cara de que estão cheios.

Ha homens a quem os acasos da politica de surpresa, conduzem áquelle logar, como succedeu ao sr. dr. Manoel d'Arriaga, que, decerto, na sua vida de advogado e de democrata que se retirára da propaganda, deixando o seu logar aos novos, jámais pensara em semelhante encargo. Sendo pobre, custar-lhe-ia muito a ser o chefe do Estado n'um paiz que não concede lista civil em harmonia com as despezas de representação, sendo modesto, mal se daria com as pompas, mas acreditamos sobretudo que nunca a mais fugidia visão do que lhe succedeu pas-

sou nos seus olhos claros. Não se póde dizer que não pensasse n'um alto cargo — a elle lhe daria direito o seu passado — mas, nunca ambicionaria a presidencia.

Seria — como foi — modificar toda a sua vida, desde o apagar das suas opiniões em arte, até deixar o repouso na sua casa pobre e fazer brindes, digerir jantares, soffrer com os acasos da politica e não ter a liberdade de ir para uma dobradiça de S. Carlos. Um homem que ama as creanças, as flôres e a musica, não póde gostar de passar revistas a soldados, nem de presidir a exercicios de athletica.

O sr. dr. Theophilo Braga — que foi o chefe do governo provisorio — tambem não imaginou, certamente, que teria de largar por um palacio a sua casinha da travessa de Santa Gertrudes e de trocar o seu frack de córte antigo, por uma sobrecasaca do Amieiro, os seus empoeirados livros pelas taças de «champagne» dos banquetes e as suas ideias largas sobre litteratura, musica, pintura e philosophia, a critica e os homens por boas medidas e por singulares adaptações.

Um era muito modesto para sonhar taes grandezas, o outro sabio — e, sobretudo, muito pessoal — para as entrevêr de uma forma differente da que usou no tempo do governo provisorio: o chapéu de chuva e o maço de livros debaixo do braço, o andar a pé pelas ruas, as conversas literarias nos alfarrabistas. Havia, porém, quem, talvez sem querer, levado por essas indicações, que ao começo são um cumprimento e logo uma anciedade imaginasse que daria um excellente chefe de Estado — o que teria succedido na verdade. Ha coisas que se iniciam assim sobretudo no campo das paixões. Começa-se por um «flirt» acaba-se n'uma tragedia.

O actual chefe do governo principiou assim.

*

Luiz Morote — o illustre jornalista republicano do paiz vizinho, depois deputado monarchico e ha pouco fallecido — foi

quem, n'um artigo chamou «El Presidente», ao sr. dr. Bernardino Machado.

Então, todos julgaram que, se um dia a Republica viesse, elle teria a suprema magistratura e jámais uma duvida floresceu nos espiritos a tal respeito. Seriam para elle as honras de primeiro magistrado e segundo as regras nunca ellas teriam cahido tão cabalmente n'um cidadão. O sr. dr. Bernardino Machado estaria positivamente em tudo, á sua vontade, dentro d'ellas. Tem a tradição necessaria, os habitos precisos, a apparencia requerida. Os acasos da votação não corresponderam ao que desejariam, não só os seus amigos, mas todos nós. E' que nunca — e com prazer intenso o dissémos — o cargo de chefe de Estado, n'uma democracia teria sido occupado tanto a rigôr: O sr. dr. Bernardino Machado — é o mais amavel dos homens. Em Portugal não ha ninguem tão affavel, tão cerimonioso, tão cheio de amabilidade. Jámais deixou de elogiar tudo quanto viu, absolutamente tudo, e jámais diante do publico um máo sorriso afflorou aos seus labios, por entre a barba branca.

Mesmo quando viu falhado o seu sonho, em plena Assembléa Nacional, foi o primeiro a ir de mão estendida para o vencedor, sorrindo, doce, meio curvado diante do que era já o presidente a saudal-o exactamente, como sempre fez, mesmo aos seus mais encarniçados adversarios politicos.

Já se vê que isto não é como «o atirae primeiro aos inglezes» de Fontenoy mas á primeira vista parece.

Pois todas estas qualidades se perdem desde que não chegue a aproveitall-as o actual presidente do conselho. E é isso exactamente que receamos diante das mil e uma pontas de lanças que vemos a erguerem-se para a sua figura, apesar das suas palavras brandas e d'aquelle seu dizer que nos traz sempre a todos — jornalistas e ferro-viarios, o sr. Affonso Costa e o sr. patriarcha, o sr. Antonio José d'Almeida e os syndicalistas, o sr. Camacho, o sr. Machado Santos, os pobres jesuitas, emfim todos, absolutamente todos, dentro do seu coração.

E receamos porque com as suas qualidades necessarias, com

todos os requisitos e regras precisas para o modelo de chefe de uma democracia elle estaria bem n'um paiz onde ninguem occupa verdadeiramente o logar que desempenha.

Ha medicos que dão uns excellentes fabricantes de caixões e militares magnificos caixeiros de lojas de modas, altos burocratas muito capazes de fabricarem esplendidas caixas de pomadas, deputados que na industria do calçado mostrariam as suas brilhantes faculdades, politicos que seriam optimos barbeiros. E' tudo assim pelò paiz fóra.

Pois o sr. dr. Bernardino Machado seria um optimo chefe d'Estado conforme elles na realidade devem ser.

Falhar-lhe-ha a aspiração, o velho sonho.

Mais uma aptidão perdida. Do interior do coração o sentimos como patriotas anciosos de vêr enfim alguém no seu logar em Portugal e como amigos da tradição, do bom cerimonial e do pitoresco.

E se isso se desse, se o sr. dr. Bernardino Machado não tivesse accettato a presidencia do ministerio semi-affonsista e chegasse a ser presidente da republica teriamos realisadas as nossas aspirações mais intimas.

E' que nos fazem muita falta a procissão de S. Jorge, o porteiro da cana e a guarda republicana dos archeiros a que apenas, temos a certeza, se mudaria a barriga das pernas. Isto é: as meias seriam encarnadas e verdes, porque como diz o sr. dr. Bernardino Machado nas suas *Notas d'um Pae*, as côres tambem teem a sua psychologia.

Oh! Pobres sonhos que se esvaem!

O JACOBINO

Romance d'actualidade

de

Rocha Martins

É posto brevemente á venda

Os FANTOCHES sahirão correntemente ás quintas-feiras.